

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
CURSO: BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

SANDY KELLY SANTANA DE OLIVEIRA

ASSÉDIO VERBAL E FÍSICO ALÉM DAS LEIS:
uma análise da concepção destes conceitos por parte de discentes da Unilab em postagens no
Facebook e em questionários

**REDENÇÃO – CE
2017**

SANDY KELLY SANTANA DE OLIVEIRA

ASSÉDIO VERBAL E FÍSICO ALÉM DAS LEIS:

uma análise da concepção destes conceitos por parte de discentes da Unilab em postagens no Facebook e em questionários

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Bezerra

SANDY KELLY SANTANA DE OLIVEIRA

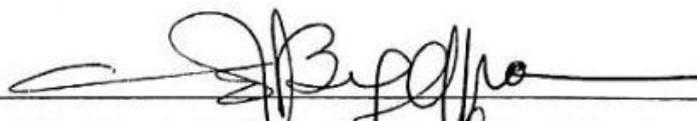
ASSÉDIO VERBAL E FÍSICO ALÉM DAS LEIS:

uma análise da concepção destes conceitos por parte de discentes da Unilab em postagens no Facebook e em questionários

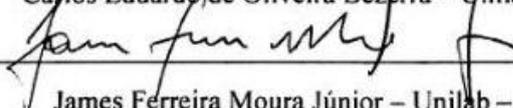
FOLHA DE APROVAÇÃO

Projeto de pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, do Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

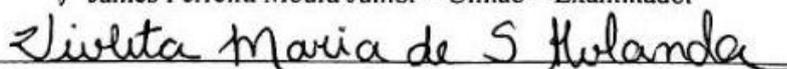
Data de Aprovação: 13 / 12 / 2017



Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra – Unilab – Orientador



James Ferreira Moura Júnior – Unilab – Examinador



Violeta Maria de Siqueira Holanda – Unilab – Examinadora

REDENÇÃO – CE

2017

RESUMO:

A violência de gênero tem sido os últimos anos um dos assuntos mais comentados e debatidos no Brasil, acompanhando, quase que proporcionalmente, os casos reais ocorridos contra mulheres e população LGBT, demonstrando desse modo a importância de debater demais temas oriundos desse problema. À vista disso, o presente projeto constitui-se a partir da necessidade de investigar e conhecer os conceitos de assédio verbal e o assédio físico que ocorrem dentro da comunidade acadêmica, considerando que estes conceitos podem existir para além das leis. Portanto, trata-se de analisar e compreender o que caracterizaria assédio em ambiente público ou em ambiente específico para além do local de trabalho como é o caso da universidade, haja vista, que a definição mais utilizada que se tem sobre assédio perpassa pela lei do *Código Penal* brasileiro que somente caracteriza condutas assediadas em ambientes de trabalho ou em quaisquer relações que advêm do mundo do emprego. Assim, este projeto tem por objetivo geral conhecer a concepção das discentes sobre o que caracterizam como sendo ocorrência de assédio verbal e físico na instituição de ensino superior Unilab. A esse propósito, o recurso mais pertinente para análise do problema é o do método misto (CAMPBELL & FISK, 1959), que está sendo constantemente empregado em pesquisas no campo das Ciências Sociais. Acreditamos que pelo contexto social em que estamos inseridos, no qual ainda é grande a desigualdade de gênero, o tema de assédio ainda é um tabu social, mesmo contendo estudos a respeito, dado que, as pesquisas realizadas no Brasil, em especial, no campo das Ciências Sociais, foram poucas, para a quantidade de casos ocorridos. Com isso torna-se necessário o seu debate, a julgar por, o assédio causa medo em diferentes níveis, desde a pessoa assediada, perpassando pelo medo dos homens de serem acusados pelos crimes, e chegando às testemunhas em acusarem o delito.

Palavras-chave: Assédio verbal, assédio físico, lei, análise.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	06
2. JUSTIFICATIVA	09
3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO	12
4. OBJETIVOS	13
4.1. OBJETIVO GERAL	13
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
5. HIPÓTESES	13
6. REFERENCIAL TEÓRICO	14
6.1. COMO A DISCUSSÃO SOBRE ASSÉDIO SEXUAL SURGE?.....	14
6.2.O QUE AS LEIS BRASILEIRAS CLASSIFICAM COMO CRIMES SEXUAIS.....	15
6.3.QUESTÕES RACIAIS RELACIONADAS AO ASSÉDIO.....	17
6.4.O CORPO FEMININO E A NATURALIZAÇÃO DO ASSÉDIO NO BRASIL.....	19
6.5. EVIDENCIANDO O ASSÉDIO NO AMBEINTE ACADÊMICO.....	21
7. METODOLOGIA	24
7.1 TIPO DE MÉTODOS	24
7.2 TÉCNICA UTILIZADAS	26
7.3 LOCAIS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	27
7.4 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	28
7.5 PROCEDIMENTOS.....	29
8. RELEVÂNCIA SOCIAL	30
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
APÊNDICE	

1. APRESENTAÇÃO

Comenta-se, com frequência, a respeito da violência de gênero no Brasil, demonstrando desse modo a importância de debater temas oriundos desse problema. À vista disso, o presente projeto constitui-se pela necessidade de investigar e conhecer uma dessas questões de gênero, que neste contexto é o assédio verbal e físico, ocorrente dentro do mundo acadêmico. A temática está envolta em compreender e analisar o que caracterizaria assédio em ambiente público e mais precisamente no ambiente acadêmico, haja vista, que a definição mais utilizada que se tem sobre assédio perpassa pela lei do *Código Penal* brasileiro, que somente caracteriza condutas assediadoras em ambientes de trabalho ou em quaisquer relações que advêm do mundo do emprego. No caso das estudantes, que não trabalham na universidade, como o assédio seria caracterizado? Ele não existiria segundo a lei? Mas o que dizem as estudantes a respeito?

Considerando que os termos que irão presenciar neste projeto é “assédio verbal” e “assédio físico” com intuito sexual, optou-se por utilizar essas expressões para diferenciar e definir algumas atitudes que entraria como definidores de comportamentos que caracterizam o assédio sexual, como no caso de “contar piadas com caráter obsceno e sexual”, “dirigir assovios e palavras obscenas”, “olhar de forma ofensiva”, “tocar, abraçar, beijar sem consentimento”. Porém, como o assédio pode se configurar em diferentes tipos, como moral, psicológico, sexual, virtual, dentre outros. No assédio sexual estaria o contato verbal ou físico, no entanto, eles teriam que se dar de forma recorrente e o sujeito assediador seria o mesmo, haja vista que se fala de um “agente”, que demonstra suas intenções de forma explícita, conseguindo desse modo provas que afirmam o dolo, ou seja, a intenção, para configuração de crime, seguindo a lógica da lei brasileira.

Por isso, sentiu-se a necessidade de denominar os comportamentos que podem não ser repetitivos, mas que constroem através de toques forçados ou sem permissão, olhares indiscretos destinados ao corpo, beijos sem consentimento que são renegados por seu destinatário e que ocorrem em ambientes públicos ou acessíveis ao público, como é o caso da universidade onde será realizada a pesquisa, incluindo-lhes em atitudes que poderia designar/caracterizar assédio verbal e assédio físico, quando esses possuem intuito sexual¹. Em razão disto, a pesquisa se dará por meio de análise de concepção de sujeitos que foram vítimas ou presenciaram o assédio, no caso, as discentes da Universidade da Integração

¹ Objetivo para satisfazer desejos, por meio de constrangimento, intimidação, dentre outros.

Internacional Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

A partir do ‘eu’ como um corpo feminino na sociedade e que também frequenta o mundo acadêmico, e por muitas vezes presenciou cenas de assédio, principalmente na rua, em programas de TV ou até mesmo em festas. Além do mais, como alvo também do assédio, desde que meu corpo começou a mudança hormonal, ou seja, ocorreu a mudança de menina para adolescente, período esse que os seios estão crescendo, fazendo com que os olhares se dirijam para essa parte do corpo. Poderia relatar como o assédio é constrangedor e que ao passar dos anos só tende a piorar, sendo cada vez mais agressivo, digo isto tendo em consideração que quanto mais os aspectos do corpo feminino aparecem, mais ele se torna ‘público’, o que aumenta a violência, pois aos 16 anos presenciei por várias vezes um homem se masturbando enquanto olhava em minha direção, pode-se dizer que esse foi um dos casos. Ao ingressar na Unilab e ter contato com algumas ideias do Movimento Feminista, fez com que percebesse a importância e necessidade de falar sobre o assédio. “O assédio é uma forma de controle da sexualidade feminina, refletido por meio de violência explícita ou violência simbólica” (BOURDIEU, 2012), e que interfere nas relações sociais, principalmente entre indivíduos que frequentam o mesmo ambiente.

Pesquisando acerca do assédio, nota-se que a utilização desse termo é novo, mas suas práticas são antigas e, por muitas vezes, essas referidas práticas não eram condenáveis, chegando a ser aceitáveis ou até mesmo vista como naturais e necessárias. No entanto, esse panorama está se modificando, seguido de estudos a respeito, que evidencia atitudes, o público que mais sofre com essa prática, o comportamento da vítima e do assediador, por isso, esse projeto apresenta posteriormente alguns dados de pesquisa a esse respeito para evidenciar a relevância social da discussão de assuntos relacionado ao gênero.

Nesse projeto, visa-se compreender de maneira mais eficaz o que seria o assédio verbal e físico que ocorre na esfera pública, e conhecer a concepção das estudantes da Unilab, no que diz respeito a esse tema. Considerando que o assédio ainda é naturalizado, e muitas vezes não é identificado como violência de gênero, nesse sentido, busca-se também saber se as discentes que participarão da pesquisa entendem esse tipo de ocorrência como uma agressão contra elas ou se compreendem como algo “comum” e “normal”. Em relação ao que já foi explanado anteriormente, esse projeto tenta apresentar em seu aporte teórico questões que elucidam o assunto abordado, dividindo a discussão em cinco tópicos que adentra ao tema, cada qual a seu modo e de maneira sucinta, mais necessária para conhecimento do assunto.

O primeiro tópico é uma apresentação histórica de como a discussão sobre o assédio se

originou, apresentando o país de origem do termo, sua utilização jurídica no campo do trabalho e quando esse assunto passou a fazer parte das pautas brasileiras, também relacionado-o às leis trabalhistas. O segundo baseia-se em um dos objetivos específicos do projeto: classificar, segundo as leis brasileiras, o que seria o assédio sexual, segundo a lei que conceituou o crime contra a liberdade sexual, previsto no Código Penal, que é a pela lei nº 10.224, 15 de novembro de 2001. No entanto, antes é feita uma linha histórica de leis referente aos crimes sexuais, para possibilitar a compreensão do tratamento e configuração que se é dado a esses crimes no Brasil.

O terceiro tópico relaciona questões raciais ao assédio, gerando interseccionalidade² entre gênero e raça, haja vista, que é necessário fazer a diferenciação do assédio de mulheres brancas e mulheres negras, em decorrência do ambiente que será realizada a pesquisa, pois, a Unilab é um local que agrega estudantes nacionais e internacionais. Não somente características físicas como cor e cabelos permitem a diferenciação entre nacionais e internacionais, mas também características advindas ou ligadas às culturas também o permitem. Além disso, por estas características distintivas o assédio se incorpora ao racismo, incorporação esta que pode ser mais nítida em pessoas consideradas negras, especialmente as mulheres, de pele mais escura, entre estudantes da Unilab, o que possibilita também a estereotipação negativa desses sujeitos, tornando o assédio ainda mais agressivo.

A quarta parte é sobre o corpo da mulher. Nela, faz-se uma breve análise temporal do local social que era destinado a ela, o controle e significado de seu corpo. Para a escrita deste tópico teve-se como referência o pensamento de Mary Del Priore (1999) sobre a história dos corpos femininos a partir das representações médicas do século XVIII, juntamente com a religião, levando em consideração que a religião cristã ditava em grande parte o comportamento moral que seria condizente com as vontades de Deus, dividindo o que seria certo para homens e para mulheres. Essa última, em consequência da histórica bíblica que conta quando o pecado chegou ao mundo, teve que pagar sua dívida, se relegando ao ambiente privado, ou seja, aos cuidados com o filho ou filha e controlando seus impulsos sexuais. Também, com a junção da religião e a medicina, o corpo da mulher era tido como “receptáculo do pecado”. O controle da sexualização das mulheres e sua relegação ao ambiente privado fez surgir uma noção de comportamento social para o sexo masculino e para o sexo feminino, que ainda se percebe nos tempos atuais. Ademais, é demonstrada a

² Conceito criado por Kimberlé Crenshaw define a interseccionalidade como “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo.”. Disponível em: < <http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

naturalização do assédio no Brasil, tendo como base teórica o livro *A dominação masculina* de Bourdieu (2012). Por esta razão, neste tópico é discutido o comportamento de homens e mulheres, e como eles são lidados socialmente.

O quinto tópico foi estruturado mediante análise de uma publicação, na rede virtual *Facebook*, feita no final de abril deste ano por uma aluna de um dos cursos presenciais da Unilab. O que gerou mais de cento e cinquenta comentários, de alunos e não alunos desta universidade. Dentre eles, vinham descritos casos de assédio que ocorreram dentro do ambiente acadêmico, a vista disso, foram escolhidos alguns comentários para constar nesse trabalho, que se enquadrava como assédio verbal ou assédio físico. E que foram considerados casos abafados, que não tiveram apoio e combate na universidade, e também casos que ocorreram devido ao medo das vítimas através de contato físico forçado.

Portanto, diante das questões explicitadas, torna-se necessária conhecer sobre o assédio, por se configurar basicamente uma violência de gênero através do poder e da dominação, possibilitando ao seu conhecimento a desnaturalização de certas condutas sociais, que antes eram vistas como naturais e aceitáveis e passaram a ser consideradas como atitudes que impedem a mulher de frequentar determinado ambiente sozinha ou diminui sua mobilidade. Por isso, torna-se importante a análise das relações de gênero, principalmente quando ela interfere na liberdade sexual de outrem.

2. JUSTIFICATIVA

No Brasil, no ano de 2015, segundo dados disponibilizados pela ONG ÉNóis Inteligência, em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e o Instituto Patrícia Galvão³, numa pesquisa realizada com 2.285 mulheres, em 370 cidades brasileiras, demonstrou-se que um percentual de 94% de mulheres evidenciaram ter sido assediadas verbalmente e 77% sexualmente. Já na pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁴, em 04 de abril de 2014, com homens e mulheres, na divulgação dos resultados em porcentagens por meio dos gráficos, explicita em seu gráfico 24, cuja pergunta era “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas?”, aponta que 26% dos entrevistados concordam parcial ou totalmente. Também

³ INSTITUTO VLADIMIR HERGOG. **1º Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres**. Pesquisa disponível em: < <http://vladimirherzog.org/portfolio-item/13211/> >. Acessado em: 01 set. 2017.

⁴ IPEA. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. Pesquisa disponível em:< http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf >. Acessado em: 29 de ago. 2017. IPEA é uma fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Sua pesquisa fornece suporte técnico e institucional às ações do governo.

em seu gráfico 25, cuja pergunta era “Se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros?”, 58% concordam parcialmente ou totalmente. Esses dados, que foram adquiridos em pesquisas relacionadas a gênero e à violência de gênero demonstram a importância de se estudar e debater assuntos desse tipo, como é o caso do assédio verbal e físico, porque se tratam de agressões ao ser humano, especificamente as mulheres.

Ademais, esses atos são sustentados pelo machismo e pela estrutura patriarcal, que oprime o gênero feminino, mediante violência e abuso, configurando-se através de atitudes e opiniões muitas vezes agressivas. Essa estrutura social concebe o assédio, especialmente o assédio verbal, como uma forma de elogio destinado a mulher ou como uma ação que, mesmo repudiada, deve ser aceita como um comportamento “natural”, a julgar que, possivelmente, essas atitudes assediante irão ocorrer outras vezes, principalmente, se essa mulher for tida como bonita ou utilizar roupas curtas, sobretudo em locais supostamente inapropriados para esse tipo de vestimenta. Outro motivo para o assédio verbal ser tido como “aceitável”, é que diferentemente do assédio físico, ele não deixa marcas no corpo, ou seja, mesmo sendo uma violência imposta, é evidenciado como uma “violência suave” (BOURDIEU, 2012), talvez por isso a escassez de estudo a esse respeito. Então de acordo com Bourdieu:

o que é ainda mais surpreendente, que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais. (BOURDIEU, 2012, p.7)

Desse modo, mesmo depois da promulgação da Lei Maria da Penha, em 2006⁵, e considerado o aumento de pesquisas relacionadas aos diferentes tipos de violências cometidas contra o sexo feminino, a dificuldade de se encontrar trabalhos sobre assédio verbal ou físico, principalmente quando esses estão sendo praticados fora do âmbito corporativo, é enorme. Talvez essa complexidade se dê em decorrência da naturalização da conduta na sociedade, da aceitação de suas práticas ou da suposta invisibilidade dos casos que ocorrem dentro do ambiente de trabalho ou fora dele. Ainda que pouco estudado, a relevância desse tema para as Ciências Sociais se dá pela oportunidade de tratar de assuntos referentes a comportamentos, a estrutura de poder dos corpos, aos valores éticos e morais que regem a sociedade, aos estereótipos negativos ligados à mulher, dentre outros.

Esta escolha, a respeito do assédio destinado ao sexo feminino, foi em decorrência do

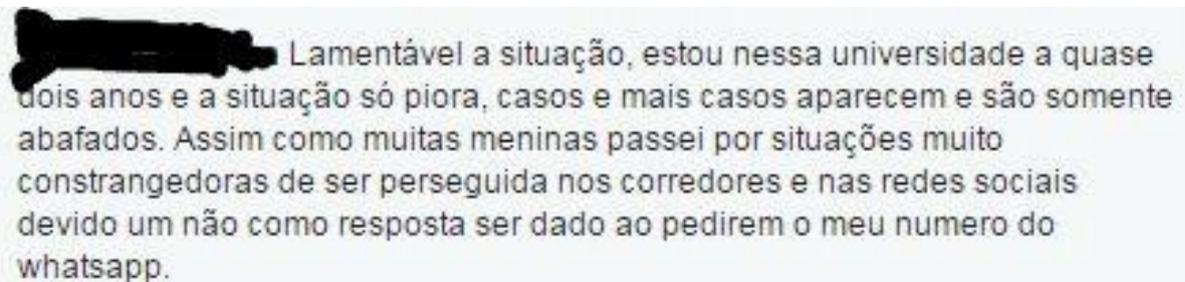
⁵ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acessada em 02.12.2017

grande número de casos não oficiais e oficiais, como nos dados divulgados no ano de 2016 pela ActionAid⁶, em pesquisa realizada nas principais cidades da Índia, Reino Unido, Brasil e Tailândia. Esta pesquisa revela que 86% das mulheres brasileiras, acima de 16 anos de idade, já sofreram assédio em espaço público de suas cidades. Divulgando que o assédio mais comum sofrido foi de assobio (77%), seguidos de olhares insistentes (74%) e comentários de cunho sexual (57%). Observando tais dados divulgados em pesquisa, vemos que:

O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais do que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. (GIDDENS, 1993, p.11)

Então, neste trabalho propusemos analisar as causas e os casos que ocorrem de assédio contra as mulheres no ambiente acadêmico de uma instituição federal de ensino superior, buscando compreender a percepção dos que participarão da pesquisa, no que tange ser ou não assédio físico ou verbal. A escolha do público alvo se deu em decorrência das denúncias, em redes sociais, nesse ano de 2017, de discentes que afirmaram terem sido assediadas dentro da universidade onde a pesquisa será realizada. Como é explicitado nos comentários abaixo:

Figura 1- “Situações constrangedoras”. Um caso de aluna perseguida nos corredores.



Lamentável a situação, estou nessa universidade a quase dois anos e a situação só piora, casos e mais casos aparecem e são somente abafados. Assim como muitas meninas passei por situações muito constrangedoras de ser perseguida nos corredores e nas redes sociais devido um não como resposta ser dado ao pedirem o meu numero do whatsapp.

Fonte: Página da UNILAB no Facebook⁷

Figura 2- “Não sou obrigada!”. O assédio ocorreu mais de uma vez com essa pessoa.

⁶ Organização internacional que trabalha por justiça social, igualdade de gênero e pelo fim da pobreza. Fundada em 1972, está presente em 45 países, alcançando mais de 15 milhões de pessoas no mundo. No Brasil desde 1999, atuando em mais de 2,4 mil comunidades e beneficiando mais de 300 mil pessoas.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/213622388659450/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 20 mai.2017

 Passei por isso várias vezes a pessoa ainda tem a cara de Pal de dizer que faz tempo que te observa, me sinto perseguida...da medo até onde eles querem forçar.. Eu falo com quem eu quero, não sou obrigada! Já chega com conversas de más intenções e vc sente que deve ter feito algo pra provocar isso 😞

Fonte: Página da UNILAB no Facebook⁸

Considerando os componentes socioculturais e, evidenciando um problema de violência de gênero pouco estudado e normalizado socialmente, em decorrência do que se construiu ao longo da história, leia-se história do Brasil, demonstrando a esse modo, o problema do tratamento dado à mulher, espera-se trazer esse assunto à discussão no ambiente acadêmico e identificar se as discentes entendem o assédio como uma forma de violência de gênero e controle da sua liberdade sexual.

3. DELIMITAÇÃO/ PROBLEMATIZAÇÃO

Dado o fato de que a lei somente julga como assédio os atos de assédio sexual que podem ser comprovados juridicamente e que ocorrem dentro da esfera de trabalho ou nas relações empregatícias, ao passo que dão menor visibilidade aos casos que se sucedem na esfera pública, conseqüentemente, isso contribui para tornar dificultoso a realização de estudos sobre assédio verbal e físico nos espaço publico, porém quando se pesquisa a ocorrência de assédio em alguma rede social, o resultado que aparece de forma mais comum é sobre assédio moral e assédio sexual, ambos no trabalho. Os casos averiguados na esfera pública, e que os dados constam nesse projeto, foram pesquisas exploratórias realizadas em sua maioria por parceira entre ONG's.

Além do mais, o termo assédio sexual também é utilizado por pessoas para designar condutas sexuais que geram desconfortos, constrangimento ou retiram a liberdade de escolha sexual, e que ocorrem fora do ambiente de trabalho, como a exemplo, os casos que foram denunciados e que aconteceram nos transportes coletivos. Além disto, o termo assédio foi utilizado por alunas da instituição de ensino superior pesquisada para descrever e denunciar casos de contato físico indesejado que ocorreram entre alunos no espaço da universidade, no ano de 2017. Considerando tais acusações, e tendo como lugar de pesquisa a Universidade da

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/213622388659450/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 01 jun. 2017

Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, o trabalho visa responder a seguinte pergunta: o que as discentes classificam como sendo assédio verbal ou físico? Caracterizam tal conduta como uma forma de violência de gênero?

4. OBJETIVOS

4.1 GERAL:

Analisar a concepção das discentes sobre o que caracterizam como sendo ocorrência de assédio verbal e físico na instituição de ensino superior Unilab a partir de postagens nas redes sociais.

4.2 ESPECÍFICOS:

- Descrever o ponto de vista das discentes em relação aos assédios verbal e físico no ambiente acadêmico a partir de postagens em redes sociais;
- Apontar o que as discentes acreditam serem as causas do assédio verbal e físico no ambiente pesquisado;
- Analisar os depoimentos caracterizadores do assédio evidenciado pelas alunas da universidade em questão a partir de postagens nas redes sociais;

5. HIPÓTESES

Diante da problemática que objetivou o estudo dos dois tipos de assédio (verbal e físico), na instituição de ensino superior, Unilab, e as requeridas falhas no sistema das leis brasileiras, no que diz respeito à liberdade sexual para além do ambiente corporativo, as hipóteses levantadas por esta pesquisa é: 1. As estudantes configuram o assédio físico ou verbal para além das leis brasileiras, e o compreendem como uma conduta de cunho sexual, no qual, o assediador (a) entende que ofende a vítima ou a vítima, por sua vez, sente sua liberdade sexual diminuída, sendo expresso por meios de comentários sexuais, de gestos ou contatos físicos sem consentimento; 2. Também que tal atitude é caracterizada como violência de gênero, pois consiste principalmente na tentativa de posse e controle do corpo feminino, que se traduz como uma afirmação da dominação masculina (BOURDIEU, 2012) sobre o

sexo feminino na sociedade patriarcal e hierarquizada, por isso os atos de assédio físico e verbal são tão frequentes.

6. REFERENCIAL TEÓRICO

6.1. COMO A DISCUSSÃO SOBRE ASSÉDIO SEXUAL SURGE?

O termo assédio sexual surgiu nos anos 1970, em estudos realizados por pesquisadores da Universidade de Cornell, localizada em Ithaca, Nova Iorque, nos Estados Unidos. Em análise sobre as relações de gênero no ambiente de trabalho, compreenderam a necessidade da criação de uma expressão que definisse a conduta de um superior hierárquico, que se utilizado poder que lhe é atribuído para apresentar comportamentos com intuito sexuais.

Juridicamente, a utilização do conceito sobre assédio sexual, se deu nos Estados Unidos, por Catherine Mackinnon, em seu relatório intitulado “Assédio Sexual de Mulheres no Trabalho Um Caso de Discriminação em razão do Sexo”, de 1979. O termo também foi aderido pelos países europeus, especificamente no ano de 1987, com a primeira publicação sobre o assunto em questão no relatório da Comissão Europeia, escrito por Michael Rubenstein.

Devido ao aparecimento e definição do termo na América do Norte, alguns países passaram a adotar legislações de acordo com seus contextos sociais, sendo que, determinados lugares basearam-se nas questões sobre direitos humanos, legislação contratual ou conduta criminal nas relações de trabalho, para construir e definir o tema em seu Código Penal e Leis Trabalhistas. A França encontra-se como o primeiro país da Europa a incluir assédio sexual em seus textos referentes às leis, desse modo, tipificou tal delito no caso penal e nas leis trabalhistas.

No Brasil, foi somente a partir da vigoração internacional em 1995, da “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a violência contra a mulher”, realizada em Belém do Pará, que o assédio passou a ser compreendido como uma violência contra a mulher. À vista disso, o debate sobre violência sexual, surge ligado ao direito à liberdade sexual e a paridade nas relações de trabalho na constituição brasileira.

Mesmo a discussão sobre assédio sexual, instando intrinsecamente ligadas as questões trabalhistas, houve um período em que a mulher casada só poderia trabalhar se seu pai ou marido assim permite-se: “Art. 446 - Presume-se autorizado o trabalho da mulher casada e do menor de 21 anos e maior de 18. Em caso de oposição conjugal ou paterna, poderá a mulher ou o menor recorrer ao suprimento da autoridade judiciária competente” (Consolidação das

leis do trabalho, de 1943). Essa realidade só se modificou a partir de 1962, quando o sexo feminino não necessitava autorização paternal ou do cônjuge para exercer algum trabalho externo. Atualmente, não se encontra uma proibição, mas uma divisão sexual do trabalho, que segundo Bourdieu:

A divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a idéia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribuí aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais, públicas, de representação[...] (BOURDIEU, 2012, p.60)

Assim se instituiu a discussão a respeito do assédio sexual no Brasil, apenas na década de 90, quando surgiu a primeira proposta, ainda confusa e carente de ajuste, da Senadora Benedita da Silva, que apresentou um projeto de Lei 157, de 1997, em que:

Constitui assédio sexual, para os efeitos desta lei, constranger alguém, com sinais, palavras ou gestos, objetivando ou sugerindo a prática de ato libidinoso ou conjunção carnal, se a conduta não constitui crime mais grave. A pena é a detenção de 6 meses a dois anos.

Assim sendo, o assédio sexual foi de fato incluído na lei brasileira pela Lei 10.224, de 2001. Tal demora se deu pelo aparecimento de discussões e a resistência em incluir esse tema no Código Penal. No entanto, o termo assédio verbal e assédio físico, que nesse trabalho são relacionados às condutas sexuais que constroem e são agressivas, e que se manifestam por meio da fala ou contato físico, em ambientes públicos ou acessíveis ao público, não é determinado pela lei. Esse tema surge em debates de grupos feministas, que acabaram evidenciando e realizando pesquisas que focava no assédio verbal em espaços públicos, e assédio físico nos transportes públicos das cidades urbanas.

6.2. O QUE AS LEIS BRASILEIRAS CLASSIFICAM COMO CRIMES SEXUAIS:

Para o presente trabalho é necessário traçar uma linha histórica, com possíveis considerações acerca do que a legislação brasileira considera atualmente como crime contra a liberdade sexual, retomando primeiramente até a década de 1940.

Anteriormente, a lei brasileira tratava dos referentes crimes sexuais, no então previsto Título VI do *Código Penal Brasileiro*, como crimes “Contra os Costumes”. Em seus Art. 213, Art. 214 e Art. 215, a “mulher honesta” aparece constantemente como vítima de tais delitos, pois à época via-se no sexo feminino o sinônimo da honra e da adequada moral social. As resoluções criadas para combater a violência contra a mulher, nesse período, contribuíram

para sustentar as desigualdades entre os sexos, sobretudo no espaço doméstico-familiar, pois, a utilização do vocábulo “honestidade”, reforçava os estereótipos de gênero, e validava às regras regidas pelo moral social da época. Esse adjetivo cooperou para manter as definições do tradicional papel feminino e do masculino, em que compara a natureza feminina à doçura e passividade. A partir da lei 12.015, de 07 de agosto de 2009, o termo “mulher honesta” foi substituído pelo sujeito indeterminado “alguém”, ou seja, qualquer pessoa estará sujeita a ser dada como criminosa ou como vítima, quando reconhecido o delito por parte da justiça.

Ademais, o título “Dos crimes contra os costumes”, foi substituído por “Dos crimes contra a dignidade sexual”. Tais mudanças passaram a ser mais coerentes com as transformações sociais, visto que passou a dar novo tratamento aos crimes sexuais, equiparando homens e mulheres na esfera penal criminal. A lei de 12.015, de 2009 revogou o crime de *Atentado Violento ao Pudor* “Art. 214 - Constranger **alguém**, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal” [**grifo nosso**], e redefiniu o antigo crime de *Estupro* “Art. 213 - Constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”, tornando-se uma única redação, que é a atual definição de crime de estupro no *Código Penal Brasileiro* “Art. 213. Constranger **alguém**, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” [**grifo nosso**].

Em 15 de novembro de 2001, foi incluído, pela lei nº 10.224, o crime de *Assédio Sexual*, que consiste em “Constranger **alguém** com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerente ao **exercício de emprego, cargo ou função**” [**grifo nosso**]. Aqui, o assédio só consiste crime pela lei se esse for cometido dentro das relações de trabalho, se for uma prática explícita, havendo dolo, ou seja, a intenção, caracterizando-se penal, isto é, passivo de pena. Relações extra ambiente de emprego, que possuem características semelhantes à prática de assédio, como reconhecido pela lei, não são considerados como tal crime. No máximo, esse tipo de delito que constrange ou que são realizados mediante ameaça, em ambientes públicos ou acessíveis ao público, enquadra-se no crime de *Importunação Ofensiva ao Pudor*, segundo as *Leis das Contravenções Penais*, de 1941, e sua pena consiste em multa paga com contos de réis, ou seja, com dinheiro substituído e cujo uso foi invalidado desde 1942 no Brasil. Ademais, dependendo de como se configura a atitude perante a vítima, a ação pode ser enquadrada no Código Penal como *Ato Obsceno*, que é a prática de atitudes obscenas em locais públicos, abertos ou expostos ao público, como a exemplo, a exposição de

partes íntimas ou a simulação de sexo em espaço aberto.

Também relacionado ao tema aqui proposto, temos a parte incluída na *Constituição* (BRASIL, 1988), que é o “Constrangimento ilegal”, que traz em seu art. 146 o seguinte texto: “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, ou depois lhe haver reduzido, por qualquer outro meio, a capacidade de resistência, a não fazer o que a lei permite, ou a fazer o que ela não manda”, pode ser relacionado ao assédio cometido fora das relações empregatícias, que a lei não visa como crime, mas que, nesse projeto, é o principal objeto de pesquisa. À vista das leis evidenciadas nesse tópico, que se acredita serem de suma importância para o entendimento do problema proposto nesse trabalho, considera-se que as mudanças que ocorreram relacionadas aos crimes sexuais visam proteger a liberdade sexual de quaisquer indivíduos, mas que essa proteção ainda se limita muito ao âmbito de trabalho, uma vez que, fora desse ambiente, os crimes que afetam a liberdade e a dignidade sexual são brandamente analisados e penalizados, de acordo com as penas propostas.

6.3. QUESTÕES RACIAIS RELACIONADAS AO ASSÉDIO:

Falar sobre o corpo da mulher negra implica, *a priori*, pensarmos o corpo enquanto signo, como um ente que reproduz uma estrutura social de forma a dar-lhe um sentido particular, que certamente irá variar de acordo com os mais diferentes sistemas sociais. (NOGUEIRA, 1999, p. 41).

A epígrafe acima norteia o nosso pensamento a respeito das questões relativas a gênero, raça e, mais especificamente, ao corpo das mulheres. Mesmo as questões raciais não sendo objeto central dessa pesquisa, no entanto, diante da problemática proposta nesse trabalho, considera-se a necessidade de correlacionar o assédio às questões raciais, trazendo uma abordagem interseccional, com isso é necessário compreender um pouco sobre este conceito:

O conceito de “interseccionalidade” foi batizado desta maneira por Kimberlé Williams Crenshaw. Esta mulher é uma feminista e professora especializada nas questões de raça e de gênero. Kimberlé Crenshaw define a interseccionalidade como “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo.” Então, a interseccionalidade tenta estudar não só o fato de ser mulher, estuda ao mesmo tempo o fato de ser negra, ser LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero), etc. Na verdade, segundo Kimberlé Crenshaw, frequentemente o fato de ser mulher radicalizada é relacionado à classe e ao gênero. (MOUGEOLLE, 2015)

Tendo em vista, que as discentes que compõem a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, são brasileiras e estrangeiras, essas últimas vindas do Continente africano e do Continente asiático, que historicamente e culturalmente carregam em seus corpos significados que as colocam em papéis de invisibilidade ou hipersexualizados no contexto brasileiro em que passam a viver. De acordo com Bhabha:

o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação, que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2013 *apud* BRITO & BONA, 2014, p.20)

Levando em consideração a cor da pele, cria-se todo um estereótipo negativo sobre o corpo da mulher negra, que, segundo Nátaly Neri (2017)⁹, estudante de Ciências Sociais na Unifesp, em São Paulo, em palestra para o TEDxSaoPauloSalon¹⁰, em que fala sobre o corpo da mulata, diz: Quando a mulata chega, é insuportável, porque elas não conseguem andar na rua, elas não conseguem conversar com pessoas sem sentir o desconforto dos olhares e piadas direcionado ao seus corpo (informação verbal). Segundo Nogueira, em seu artigo *O corpo da mulher negra*, revela:

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perversidade sexual que tinham seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas, pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. (NOGUEIRA, 1999, p. 44)

À vista disto, em decorrência dos aspectos históricos que permeiam o corpo negro, as mulheres negras além de serem alvos do machismo, quando assediadas, também convivem com o racismo e seus estereótipos negativos, quando essas escutam falas tais como “da cor do pecado”, “Você é uma mulata tipo exportação!”, “Você é uma morena muito bonita”, ou são tocadas sem a devida permissão, como se fossem um objeto de exposição. Como afirmam Brito e Dona, “O estereótipo serve, então, a relações de poder que, em diferentes cenários, colocam grupos sociais em posições mais privilegiadas que outros” (2014, p.21). Dessa maneira, o corpo negro é colocado para o assediador como disponível, principalmente quando apresentam características como lábios carnudos, nádegas grandes, pernas grossas ou o imaginário dos assediadores diz que irão possui-las. Segundo Bourdieu (2012, p. 53-54)

[...] dado que tende particularmente a esquecer que o princípio da visão dominante

⁹ Informação fornecida por Nátaly Neri durante uma palestra gravada e realizada em São Paulo, em que fala de preconceito, e publicada no site TEDxTalks, em 31 de jan de 2017

¹⁰ É um programa de eventos locais organizados de forma independente, que reúne diferentes pessoas para compartilharem experiências no formato de uma conferência.

não é uma simples representação mental, uma fantasia ("idéias na cabeça"), uma "ideologia", e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos.

Assim se representa o corpo da mulher negra, que além de serem hipersexualizadas, são também tidos como corpo exótico, por apresentarem características, tais como cabelo e cor da pele “incomum” para a maioria de sujeitos brasileiros, que tem a pele não tão escura ou os cabelos não tão crespos, como os das pessoas que vivem no Continente Africano e vem estudar no Brasil. O que reforça o assédio sofrido por elas, o tornando mais agressivo. Por isso a necessidade da diferenciação de assédio verbal e físico entre mulheres brancas e mulheres negras, mesmo que, de modo geral, o sexo feminino é objetificado, e as brasileiras carregam estereótipo de excessivamente sensuais. Em nível mais intenso a mulher negra tem sua sensualidade exacerbada, e além de sofrer com o machismo, comporta também as estruturas da opressão histórica do racismo.

6.4. O CORPO FEMININO E A NATURALIZAÇÃO DO ASSÉDIO NO BRASIL

Para compreender o corpo feminino, é necessário considerar alguns aspectos históricos sobre o controle e significado do corpo e o lugar destinado a ele. Primeiramente no campo religioso, pois, segundo a Bíblia, no capítulo dois de *Gênesis*, a mulher é extraída da costela de Adão. Além de que, o próprio Adão é criado à imagem e semelhança de Deus, reforçando o imaginário de que o criador do mundo seria do sexo masculino. Então “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo.” (BEAUVOIR, 1970, p.10).

O controle do corpo e da liberdade sexual feminina no Brasil vem desde seu descobrimento, em 1500, quando a história demonstra que mulheres indígenas foram estupradas quando os portugueses aqui chegaram. Com o sistema de escravidão, mulheres negras também foram forçadas a manter relação sexual com seus senhores, e se caso engravidassem nasceria mais um escravo para o trabalho na fazenda ou o mesmo seria vendido ou alugado. Fato que tornava as mulheres negras propriedade e objeto sexual dos senhores, sem direito a denúncias ou escolha do uso do seu próprio corpo com raros registros de resistência por parte de mulheres em relação ao seu senhor como é o caso de Esperança Garcia¹¹.

A religião também influenciou no modo como concebemos a imagem feminina, pois,

¹¹ Carta de Esperança Garcia disponível em: <http://www.nazaredopiaui.pi.gov.br/esperanca-garcia/> .Acessada em 02.12.2017

segundo a religião, a mulher trouxe o pecado ao mundo, quando deu o fruto proibido ao homem, o levando a pecar, ou seja, a mulher passou a ser vista como “receptáculo do pecado”. Outro aspecto importante, é que a religião amparada pela medicina do século XVIII considerava o corpo feminino impuro, negativo, já que “Padres e médicos jogavam, juntos, água no moinho de uma doutrina teológica que atingia em cheio a mulher, cobrindo-a de suspeição e dispendo-se a ver nela o objeto de manobras do Demônio.” (PRIORE, 1999, p.4)

Diante do exposto, criou-se um discurso dominante e hierarquizado, segundo o qual a mulher é tida como inferior ao homem, por várias questões religiosas, históricas e científicas que supostamente confirmariam essa inferioridade, que o patriarcado passou a utilizar como forma de dominação e controle da mulher, relegando-a muitas vezes ao espaço privado.

A mulher, e por extensão seu corpo, podia ser definida como um ser cujas paixões detestáveis condenavam a uma condição de inferioridade tanto no plano social, quanto moral. A mulher tinha que ser salva dela mesma e só o conseguia sob condição de viver sob normas imperativas. Foi preciso esperar o fim das teorias aristotélicas- No mundo luso-brasileiro (o que só ocorreu no século XIX) para que a feminilidade das mulheres passasse a ser reavaliada a partir de seu próprio corpo. Essa inflexão, contudo, não desfaz o imaginário que sempre existiu sobre ele, mas o incentiva a adquirir novas dimensões. É como se as viagens pelo interior feminino não tivessem fim (PRIORE, 1999, pag.6).

No Brasil, até 1916, a mulher era tida como propriedade do homem, considerada um ser “incapaz”. Esse cenário modificou-se, mas, a mulher ainda é vista como objeto de domínio masculino, passou a ser também responsabilizada pela sedução do homem, pois os impulsos sexuais desse são vistos como “naturais e instintivos”, o que supostamente justificaria o controle, a violência e o assédio acometido contra as mulheres.

Por esta razão, a ordem estabelecida de dominação caracteriza atitudes, que deveriam ser consideradas condenáveis, como aceitáveis ou até mesmo naturais. Assim se refere às atitudes que caracterizam assédio verbal e físico com intuito sexual no Brasil, como sendo algo natural, e em determinados casos necessárias. Especificamente quando se fala do corpo e comportamento da mulher brasileira, que é considerada “liberal”, “sensual”, “provocante”. Ademais, nos países latino-americanos, é natural que o homem expresse seus desejos e interesses por uma mulher, como forma de conquista e de afirmação da masculinidade. Só que essa expressão dos desejos sexuais ocasiona problemas quando ela passa da “simples” cantada, que é o ato de seduzir verbalmente alguém, ou seja, não fica somente no campo do desejo, pois o assediador tenta submeter à vítima aos seus interesses sexuais, mesmo depois da negação, ou seja, na há um interesse mútuo, mas apenas de uma das partes.

Considerado ainda como um tema tabu, o assédio é interpretado, em várias ocasiões, como um ato de paquera, elogio à beleza do corpo ou uma simples “brincadeira”, podendo

ocorrer em qualquer idade, por ser considerado inofensivo e algo que possivelmente virá a acontecer outras vezes, principalmente quando se é mulher. Quando a vítima fala sobre o ato, demonstra sua indignação sobre o assédio sofrido. Algumas questões que tentam culpabilizar a mulher pelo assédio são feitas: “Com qual roupa você estava quando ocorreu o assédio?”, “Qual o horário?”, “Qual o lugar?” e “Estava sozinha?”. São perguntas que naturalizam novamente o comportamento machista e justificam a atitude do assediador, culpabilizando a vítima.

O assédio verbal e físico com intuito sexual é uma das formas da sociedade perceber a desigualdade de gênero, porém, como é ainda concebida na lógica da dominação, os corpos femininos devem se relegar a ambientes privados, porque quando estão em ambientes públicos, tornam-se também públicos. Mesmo que “[...] o assédio sexual nem sempre tem por fim exclusivamente a posse sexual que ele parece perseguir: o que acontece é que ele visa, com a posse, a nada mais que a simples afirmação da dominação em estado puro.” (BOURDIEU, 2012, p.30-31). Ou seja, o assédio, seguindo a lógica de Bourdieu, não necessariamente tem o intuito de concretizar o ato sexual, mais sim, de afirmar um estado de dominação que retira a mulher do espaço público ou reduz sua mobilidade geográfica.

6.5. EVIDENCIANDO O ASSÉDIO NO AMBEINTE ACADÊMICO

Antigamente as meninas deveriam unicamente serem educadas e não instruídas, pois necessitavam de formação moral e bons princípios para posteriormente casarem e atuarem na sociedade como educadoras de seus filhos. Isto fez com que ocorresse a exclusão feminina na educação, em 1879, é autorizado pelo governo que elas cursem as instituições de ensino superior do país, principalmente nos cursos secundários. Porém socialmente e moralmente elas ainda encontraram dificuldade de ingressar nos cursos superiores até a metade do século XX. Atualmente o número de mulheres na universidade ultrapassa o número de homens, especialmente em cursos que não trabalham com cálculos.

Como já apontando, um dos motivos para a escolha do tema foi devido à publicação de uma estudante da Unilab, que frequenta um dos cursos presenciais. Através de sua escrita em um ambiente virtual, a mesma denunciou condutas assediantes, que foram descritas como “uma doença”, além disto, na mesma publicação, o sujeito a quem era referido tais comportamentos repudiados era do sexo masculino (infere-se que o assediador é do sexo masculino pelo uso dos pronomes “desses” e “eles”). A “doença” a qual a pessoa que fez a publicação se referia se dava porque o assediadores comportavam-se verbalmente e

fisicamente de maneira ofensiva, através de perguntas, toques, olhares indiscretos e beijos forçados, haja vista, que essa atitude foi descrita como uma relação de poder, pela frase “achando que podem tudo”, mesmo que a prática não seja aceitável pelos sujeitos a qual era direcionada. Logo abaixo se encontra presente a imagem da publicação que gerou um total de mais de 150 comentários, em um grupo fechado de uma rede social.

Figura 3- “Procurando o diagnóstico dessa doença”. Traz a publicação de uma aluna denunciando através da rede social Facebook o assédio.

Queria saber o que passa na cabeça desses babacas que chegam nas mulheres dando em cima, achando que podem tudo. Ainda têm a cara de pau de chamar isso de cultura. Cultura de merda né? Respeito que é bom não tem! Na Unilab vive acontecendo, hoje mesmo tivemos mais um episódio, chegam nas meninas com perguntas ofensivas, tocando, olhando pro corpo descaradamente, pegando na cintura... O que é isso hein? Acham que aqui é a casa da mãe Joana? Por isso as coisas acontecem e ficam impunes, depois das conversinhas, metem o beijo na boca das meninas, estupram e fica por isso mesmo! Que lindo hein 🍌🍌🍌

Não vou citar nomes(dessa vez), mas tenho certeza que muitas meninas irão se identificar, pois já passaram e passam por isso diariamente. Quero só ver onde vai chegar...

Só digo uma coisa, comigo é mais embaixo, não fica por isso mesmo não. Um conselho: Não aceitem meninas, falem, denunciem. É nosso direito. P.S: Não sou feminista, é só um desabafo. Se alguém souber o nome da doença desses babacas me avisem, eles precisam de tratamento urgente!

Fonte: Página da UNILAB no Facebook¹²

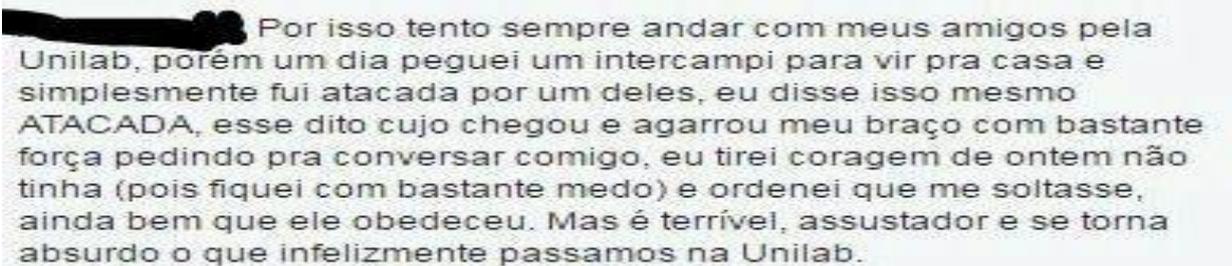
Por meio dessa publicação, feita em abril deste ano, surgiram comentários relatando casos que se enquadrava como assédio verbal e físico com intuito sexual. Mas, no caso dos comentários, os sujeitos que escreveram utilizaram o termo “assédio” ou “assédio sexual”, para definirem as atitudes que foram descritas no parágrafo anterior. Além de escritas de demais comportamentos referentes ao assunto aqui tratado. Como a exemplo, o relato de uma pessoa que foi perseguida nos corredores da universidade por alguém que estava querendo seu número de celular, mesmo obtendo um “não” como resposta.

Outro caso se deu mediante assédio físico, em que a vítima teve seu braço segurado

¹² Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/213622388659450/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 05 mai.2017

com força, causando-lhe medo na ocasião, sendo que o assediador disse que queria somente conversar. Já em outra situação, a vítima mesmo depois de negar as investidas do assediador, de não dispor o número de celular e endereço de sua residência, o mesmo foi até sua casa. A vista disso, uma das principais denúncias descritas nos comentários da publicação em questão era que as vítimas necessitava ter namorados para que o assédio parasse. Nessa situação pode-se interpretar que primeiramente respeita-se o sexo masculino, representado aqui pelo namorado, noivo ou marido, para depois respeitar a vontade do sexo feminino. No entanto, existem ocorrências que nem mesmo a mulher falando que está em um relacionamento, o assédio terminou. Em seguida, está o caso de assédio físico, enunciado no começo deste paragrafo.

Figura 4- “ Assédio físico”. Descrição de uma aluna relatando o assédio físico ocorrido.



Por isso tento sempre andar com meus amigos pela Unilab, porém um dia peguei um intercampi para vir pra casa e simplesmente fui atacada por um deles, eu disse isso mesmo ATACADA, esse dito cujo chegou e agarrou meu braço com bastante força pedindo pra conversar comigo, eu tirei coragem de ontem não tinha (pois fiquei com bastante medo) e ordenei que me soltasse, ainda bem que ele obedeceu. Mas é terrível, assustador e se torna absurdo o que infelizmente passamos na Unilab.

Fonte: Página da UNILAB no Facebook¹³

Outro ponto levantado por esses comentários é que tais comportamentos são tidos como naturais. Mesmo que causem medo e repúdio nos sujeitos que são assediados, como foi a situação descrita de pessoas que ficavam olhando pela janela as mulheres que frequentavam o banheiro feminino, levando-as a não utilizarem o banheiro ou não irem mais sozinhas para esse local. Sendo que segundo os comentários, casos assim foram abafados ou não tiveram apoio da universidade para combater essas situações que ocorreram/ocorrem cotidianamente, como é situação descrita a seguir.

Figura 5- “Assédio ocorrido”. Este é um comentário de uma aluna, reclamando do tratamento que é dado para os casos de assédios.

¹³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/213622388659450/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 07 mai.2017

Que isso é um fato repetitivo todos sabemos, o incrível é que a universidade não apresenta nenhum posicionamento quanto aos assédios ocorridos. Preferem tampar o sol com a peneira e dar a estes seres a impunidade e proteção para que voltem a fazer novamente novos assédios e ate pior (como já houve). Sou mais uma que passei pela perseguição da insistência de passar o número de telefone, Facebook, e etc. Mais o pior são os olhares em direção ao nosso corpo nos da a sensação de sujeira, de que

Fonte: Página da UNILAB no Facebook¹⁴

A principal dificuldade de se relatar situações de assédio que ocorreram entre alunos da universidade em questão através de comentários, é que a Unilab é um ambiente que agrega diversas culturas, por meio de seus discentes nacionais e internacionais, e debater condutas de comportamentos é acabar falando sobre a cultura dos países, pois se uma atitude não é aceita em um lugar, ela pode vim a ser aceita em outra. Só que na situação em questão, quem é vítima do assédio sentia-se com medo por causa do contato físico forçado através de beijos e de ter o braço segurado com força ou constrangida pelos olhares destinados ao corpo. Então, independentemente da nacionalidade da vítima ou do assediador, tal atitude não deve ser mais aceita, como enfatiza Giddens. (1993, p.25)

Hoje em dia a 'sexualidade' tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós 'tem', ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas pré-estabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais.

7. METODOLOGIA DA PESQUISA

7.1 TIPO DE MÉTODO

O projeto de pesquisa tem por finalidade averiguar como o assédio verbal e físico tem se constituído na Instituição de Ensino Superior (Unilab), por meio da percepção das discentes que foram assediadas ou das que presenciaram algum caso ocorrente. A esse propósito, o recurso mais pertinente para análise do problema é o do método misto (CAMPBELL & FISK, 1959), que está sendo constantemente empregado em pesquisas no campo das Ciências Sociais, como é o caso desse projeto. Essa interdisciplinaridade de métodos ocorre em função da possibilidade que “os dados qualitativos e quantitativos podem ser unidos em um grande banco de dados ou os resultados usados lado a lado para reforçar

¹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/213622388659450/?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 10 mai.2017

um ao outro (CRESWELL, 2010, p.39). Então, a interdisciplinaridade como estratégia para abordar um objeto nesse caso irá culminar na de triangulação das pesquisas qualitativa e quantitativa. Que bem explicitado por Flick (2009, p.43), é:

A triangulação (ver Capítulo 29) significa a combinação entre diversos métodos qualitativos (ver Flick, 1992; 2004a), mas também a combinação entre métodos qualitativos e quantitativos. Neste caso, as diferentes perspectivas metodológicas complementam-se para a análise de um tema, sendo este processo compreendido como a compensação complementar das deficiências e dos pontos obscuros da cada método isolado. A base desta concepção é o insight lentamente estabelecido de que métodos qualitativos e quantitativos devem ser visto como campos complementares, e não rivais.

A esse modo, priorizaremos a pesquisa qualitativa, por ser um método que busca compreender a opinião dos participantes, e que também explora o conhecimento sobre uma determinada questão, principalmente quando se conhece pouco. O que permite compreender e interpretar o comportamento, opiniões e expectativas de um indivíduo ou de um grupo de uma determinada população estudada. E também por ser um método que permite aprofundamento, além do mais, dependendo da técnica utilizada permite a quantificação dos dados adquiridos. Analisadas as postagens nas redes sociais a respeito, utilizaremos o questionário semiaberto, empregado em um grupo focal, possibilitando, desse modo, a partir das postagens, o estudo aprofundado e também estatístico, ou seja, as análises dos resultados obtidos em pesquisa serão transformadas em porcentagens, por meio de tabelas e posterior gráficos, para melhor compreensão do resultado final.

Desta forma, utilizando a pesquisa qualitativa, será analisada a concepção das discentes sobre o que elas caracterizam como sendo assédio verbal e assédio físico ocorrentes na Unilab, mediante a avaliação das perguntas abertas presente no questionário e, para compreensão do problema. Na segunda parte do estudo, será utilizada o método quantitativo, pois “[...] a pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.” (FONSECA, 2012, p.20 *apud* GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 33).

Já para o estudo das imagens presente neste projeto, achou-se por necessário a análise das postagens em redes sociais, valendo-se, para isso, do método propostas pela etnografia virtual¹⁵ (GUTIERREZ, S/D) (POLIVANOV, 2013), (SANTOS, GOMES, S/D). Como já foi dito, pretende-se analisar a rede social *Facebook*, explicitando o assédio descrito nos comentário de uma publicação feita nesse meio virtual, mesmo que “[...] metodologias de

¹⁵ Conferir: <https://pontourbe.revues.org/300#tocto1n1> Acessada em 02.12.2017.

análise para pesquisas científicas na Internet ainda são pouco conhecidas e, assim, acaba sendo um grande desafio para o pesquisador escolher o procedimento que mais se adequa para o alcance dos objetivos que se quer alcançar. (CASTRO e SPINOLA, 2015, p.172). Contudo, essa análise por meio virtual, surgiu como precedente para auxiliar na divulgação dos casos de assédio verbal e físico, e ajudar na compreensão do problema do projeto.

7.2 TÉCNICAS UTILIZADAS

Diante das possibilidades para absorção de informações úteis à pesquisa, a técnica¹⁶ que utilizaremos como forma de captação de dados é do questionário, por ser considerada uma técnica metodológica que consegue atingir um maior número de pessoas, bem como, apresenta eficácia enquanto o anonimato dos sujeitos que o respondem. Sendo que de acordo com Antônio Carlos Gil (1989, p.124):

Pode-se definir questionário como uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

O tipo de questionário que será utilizado é o semiaberto, pois, apresenta um misto das questões abertas e fechadas, além de permitirem atribuições de valores numéricos às respostas coletadas. Sendo que as perguntas abertas criam a alternativa para análise de depoimentos, que possivelmente passariam despercebidos caso as questões fossem somente fechadas. Sua aplicação se dará por meios virtuais (em grupos no Facebook da universidade, e-mails), para assegurar um maior número de pessoas respondendo-o. Haja vista, que atualmente, na Unilab obtêm-se um total de 3.995¹⁷ alunos (homens e mulheres) que frequentam o curso presencial, sendo divididos em sete nacionalidades.

Do total de 3.995, não se tem a devida informação de quantas representam o gênero feminino, que será o público alvo da pesquisa. Então, trabalhando hipoteticamente, iremos atribuir um total de 2.000, que significará o total de mulheres discentes. Obedecendo ao mínimo do nível de confiança para um tamanho de uma amostra, que é 95%, e para obter a margem de erro de até 5%, tem-se que aplicar o questionário para uma amostragem de 323 alunas, para que o resultado seja confiável.

¹⁶ Do grego Tékhne, arte. Técnica é o modo pelo qual se quer atingir uma meta, por meio da operacionalização do método, ou seja, significa a ação. Também é um procedimento definido e transmissível, que possibilita a repetição de sua aplicação na mesma condição. Sendo que, um mesmo método pode comportar mais de uma técnica de pesquisa.

¹⁷ Informação retirada do site oficial da Unilab. Dados da pesquisa atualizados em 18/08/2017.

Além do mais, essa técnica metodológica terá como núcleo problemático as questões relacionadas à violência de gênero, opinião sobre a aplicação da lei brasileira sobre assédio sexual, utilização do espaço público, já que a pesquisa será efetivada em uma instituição de cunho público e, descrição de casos de assédio que ocorreram com as discentes. Por isso, a análise de dados se dará, especificamente, pela ocorrência da quantidade de casos e as possíveis causas que acometem no assédio verbal e físico e sua classificação mediante conhecimento das discentes.

Além da técnica acima, será utilizado um dos procedimentos do método misto, que é a estratégia transformativa sequencial, que consiste primeiramente na escolha do método qualitativo ou quantitativo, a segunda fase desenvolverá em função do desenvolvimento da primeira. O peso maior poderá ser atribuído a um método ou distribuído igualmente em ambos, tendo como objetivo explorar um problema, e propor uma ação. Em linhas gerais, temos Morse (1991, 2003) e Smith (2008), explicando tal estratégia.

Sequential transformative strategy - aquele procedimento em que o pesquisador utiliza o enfoque teórico como uma perspectiva ampla, cujo projeto apresenta dados quantitativos e qualitativos. Essa estratégia assegura uma estrutura de métodos para coleta de dados e para os resultados. Dentro dessa abordagem podemos desenvolver um método de coleta de dados que envolva uma abordagem sequencial ou concomitante. (apud PARANHOS et al.,2016).

7.3 LOCAIS DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa será efetivada na cidade de Redenção, município brasileiro do estado do Ceará, que compõe, como mais doze municípios, o Maciço de Baturité. Distante 55 km da capital do Ceará, recebeu tal nome por ser considerada a primeira cidade brasileira a abolir a escravidão, antes mesmo da Lei Áurea (1888), em 1º de janeiro de 1883. Segundo o Censo populacional de 2017¹⁸, sua população estimada corresponde a 27.441 habitantes. Já de acordo com Censo populacional do IBGE de 2010¹⁹, sua zona urbana correspondia a 15.142 habitantes.

À vista disso, por ter sido a primeira cidade a abolir a escravidão, Redenção foi designada como cidade sede da Unilab, e desde sua instalação no ano de 2009, vem modificando o panorama social da região, principalmente, em decorrência da vinda de vários estudantes das localidades próximas e dos alunos estrangeiros, que em decorrência de projeto

¹⁸Dados referentes ao Censo populacional do site do IBGE, obtido no sítio: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/panorama>.

¹⁹ Dados obtidos no site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/panorama>.

de criação da universidade, vivem na cidade. Então, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), que se encontra instalada na parte urbana do município, será campo de realização e de análise da pesquisa.

A escolha do local se deu pelas denúncias sobre assédio pelas discentes da Unilab, em que os casos ocorreram dentro e fora do ambiente acadêmico, e foram divulgados em uma página do Facebook destinada aos alunos da universidade em questão. A exposição dos casos descritos sobre assédio verbal e físico se deu por meio de comentários em uma publicação que denunciava a aproximação indesejada, por meio de toques, olhares que causam constrangimento e perguntas ofensivas, que estavam ocorrendo entre alunos.

Também a escolha se deu, por ser um espaço de debate, que possibilita o diálogo entre o corpo acadêmico, conseqüentemente, torna-se possível viabilizar um problema corrente, e que muitas vezes passa despercebido ou é ignorado depois de um determinado tempo, quando surgem novas questões de debate.

7.4 DESCRIÇÃO DAS PARTICIPANTES

As pessoas que integrarão a pesquisa serão exclusivamente do gênero feminino, pois estas representam uma quantidade numérica mais expressiva de sujeitos que possuem sua liberdade sexual cerceada, e também em razão de que, esse trabalho objetiva compreender como as discentes caracterizam o assédio, tanto verbal, quanto físico. E nada melhor para compreender as questões levantadas ao decorrer desse projeto, do que o público que é mais vitimizado por essa prática condenável.

As alunas que responderão ao questionário semiaberto poderão ser de quaisquer nacionalidades e curso, podem ter ou não passado por uma situação de assédio verbal ou físico, haja vista, que o que se torna necessário, é que elas saibam discorrer sobre o assunto, ou seja, possam dar alguma opinião sobre a temática, para que seja possível a análise das respostas apresentadas. Além de que, as participantes não precisarão se identificar em nenhum momento, visando a segurança delas, quando descreverem algum episódio de assédio que ocorreu dentro da universidade.

A quantidade de participantes se dará pelo tamanho da amostragem necessária para obedecer ao nível de confiança mínima em uma pesquisa. As participantes terão que possuir vínculo com a universidade por meio da participação em alguns dos cursos presenciais ofertados semestralmente pela Unilab. Então, os principais critérios para a participação na pesquisa das pessoas citadas são:

- Ter vínculo com a universidade;

- Responder por completo o questionário;
- Acessar alguns dos meios virtuais, no qual, o questionário será lançado;
- As respostas abertas serem as mais objetivas possíveis, para que em seguida sejam comparadas com as das demais participantes, obtendo assim uma análise de respostas que possibilita a tabulação.

Já o público da etnografia virtual é constituído por estudantes masculino e feminino, sendo que, a maioria são estudantes da Unilab. No entanto, para o processo de análise, foram somente averiguados os comentários das discentes que se sabe que estudam no período em questão na universidade, não diferenciando cursos ou nacionalidades na análise, e sim o teor que escreveram nos comentários da publicação.

7.5. PROCEDIMENTOS

Partindo da aplicação da observação das redes sociais, será aplicado o questionário, que mantém o sigilo das pessoas envolvidas, disponibilizando-o em ambientes virtuais que consiga abranger um maior número de público alvo, à vista disso, posteriormente será feita análise das respostas das participantes. Através das perguntas fechadas serão realizados exames, para detalhamento da quantidade de resposta de cada item que foi dado como possível escolha da pergunta. Depois de realizado esse procedimento, será utilizado a regra de três que possibilita a transformação de número inteiro para porcentagens. Utilizando-se de tabelas que serão desenvolvidas para uma melhor organização de dados, será construído gráfico para apresentação das porcentagens e possível discussão a respeito do resultado obtido.

Ademais, terá a análise das perguntas abertas, devendo ser feita de modo mais rigoroso, em razão de que, suas respostas serão também transformadas em porcentagens. E como as perguntas são de cunho aberto, desse modo, a partir da leitura, será procurando similaridades nas respostas que permitem essa transformação. No caso da etnografia virtual a análise se fará somente com alguns dos comentários, tendo em consideração que este método não foi escolhido como principal para avaliar os casos de assédio, mas sim uma fase importante para se conhecer o público da pesquisa e se realmente ocorria assédio na universidade.

OBSERVAÇÃO DAS REDES SOCIAIS	X	X	X							
APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS	X	X	X	X	X					
LEITURA E FICHAMENTO DE TEXTOS	X	X								
ANÁLISE DE DADOS OBJETIVOS	X	X	X	X						
REDAÇÃO PRELIMINAR DO TRABALHO					X	X	X			
REVISÃO/REDAÇÃO FINAL								X	X	X

10. REFERÊNCIAS:

ACTIONAID. **Assédio em espaços públicos**: um problema global, 2016. Disponível em :< <http://actionaid.org.br/noticia/brasil-lidera-assedio-de-mulheres-em-espaco-publico/>>. Acesso em: 26 jul.2017.

BRASIL. Decreto- lei nº 3.688, de 3 de out de 1941. **Lei das Contravenções Penais**. Brasília, DF, out 1941.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: Fatos e Mitos. 4.a ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRASIL. **Decreto- Lei nº 2,848, de 7 de dez de 1940**. Código Penal. Brasília, 31 dez.1940.

BRASIL, Portal. Cantadas na rua são consideradas assédio sexual, 2016. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/11/cantadas-na-rua-sao-consideradas-assedio-sexual>>. Acesso em: 5 jun.2017.

BRASIL. **Decreto- Lei nº 10.224 - de 15 de maio de 2001**. Altera o Decreto- Lei nº 2.848, de 7 de dez de 1940-Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências. Brasília, 15 mai.2001.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes; 3. ed. Porto Alegre: Sage, 2010.

CASTRO, F. & SPINOLA, C. **Metodologia de pesquisas na internet**: breves considerações sobre uma pesquisa qualitativa em turismo nas redes sociais. Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR, Penedo, vol. 5, n.1, p. 170-188, 2015.

CASTRO, Juliana Lima. **A violência de gênero decorrente do assédio verbal contra as mulheres no espaço público.** Disponível em: < <http://www.fes.sociologia.com/files/congress/12/papers/4380.pdf> >. Acesso em: 20 set.2017.

CELY. “ **A revoltante” incompetência das nossas vítimas,** 2011. Disponível em: < <https://whothelliscely.wordpress.com/>>. Acesso em: 27 mai.2017.

DEL PRIORE, Mary. “**Viagem pelo Imaginário do Interior Feminino**”. In: Revista Brasileira de História, v. 19, n. 37. São Paulo, sept. 1999. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100009>. Acesso em: 26 nov.2017.

FILHO, Antonio Luiz de Medina. **Importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social.** *Psicologia & Sociologia.* [online], vol.25, n.2, pp.263-271, 2013.
FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Trad. Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** Trad. Magda Lopes. 1.ed., 4 reimpressão. São Paulo: Unesp. 1993.

Gil, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GALVÃO, Cecília. **Mulheres e o assédio na rua,** [2015 e 2017]. Disponível em: < <http://nadafragil.com.br/mulheres-e-o-assedio-nas-ruas/>>. Acesso em: 30 mar.2017.

GUTIERREZ, Susana de Souza. A Etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética nas redes sociais on-line. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf> Acessado em: 02.12.2017

INSTITUTO VLADIMIR HERGOG. **1º Seminário Internacional Cultura da Violência contra as Mulheres.** Pesquisa disponível em: <<http://vladimirherzog.org/portfolio-item/13211/>>. Acessado em: 01 set. 2017.

IPEA. **Tolerância social à violência contra as mulheres.** Pesquisa disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf>. Acessado em: 29 de ago. 2017.

IBGE. **Cidade e Estados do Brasil,2017.** Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/panorama>>. Acesso em: 30 nov.2017.

MOREIRA, Marilda Maria da Silva. **Assédio sexual feminino no mundo do trabalho: considerações para reflexão.** [2002?]. Disponível em :< http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_marilda.htm>. Acesso em:1 nov.2017

MEUSALARIO.ORG.BR . **O que é o assédio sexual,** 2017. Disponível em: < <http://meusalario.uol.com.br/main/trabalho-decente/tratamento-justo/assedio-sexual/o-que-e-o-assedio-sexual-brasil>>. Acesso em: 10 out.2017.

MOUGEOLLE, Lea. **O Conceito de “Interseccionalidade”**, 2015. Disponível em:< <http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/>>. Acesso em 01 nov.2017.

NOGUEIRA, Isildinha B. **O corpo da mulher negra**. Revista de Psicanálise, ano XIII, n135, 40-45. Disponível em: < http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/135_04.pdf>. Acesso em: 15 nov.2017.

OLGA, Think. **FAQ – Chega de Fiu Fiu**, [2013?]. Disponível em:< <http://thinkolga.com/faq/>>. Acesso em: 27 mai.2017.

OLIVEIRA, G. M; RODRIGUES, T. M. **A nova lei de combate aos crimes contra a liberdade sexual: Uma análise acerca das modificações trazidas ao crime de estupro**. Rio de Janeiro, 02 dez.2017. Disponível em:< http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9553>. Acesso em : 31 out.2017.

OLGA, Think. **Quando o assédio é somando ao racismo**, 2017. Disponível em:< <http://thinkolga.com/2017/04/04/quando-o-assedio-e-somado-ao-racismo>>. Acesso em: 2 out.2017.

PARANHOS, R & FILHO, D.B.F. **Uma introdução aos métodos mistos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, n° 42, mai/ago 2016, p. 384-411. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/soc/v18n42/1517-4522-soc-18-42-00384.pdf>>. Acesso em:14 nov.2017.

PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, Netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf>. Acessado em 02.12.2017

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo**. Red Revista Estudos Feministas, 2000.

SANTOS, M. C. **Corpos Em Trânsito: Casos de assédio sexual nos transportes coletivos de Aracaju**, 2015. Disponível em :< http://files.geisext.webnode.pt/200000290-6ae6a6bcf4/linguagem_cultura_e_identidade.pdf> . Acesso em: 28 nov.2017.

SANTOS, Flávia Martins dos, GOMES, Suely Henrique de Aquino. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. Disponível em: https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf Acessado em: 02.12.2017

SPILBORGHS, Giovanna; LARA, Helena. **7 tipos de assédios mais comuns sofridos pelas mulheres em público**, 2017. Disponível em: <

<https://noticias.bol.uol.com.br/unibol/espm/tipos-de-assedios-mais-comuns-sofridos-pelas-mulheres-em-publico.htm>>. Acesso em: 30 set.2017.

VASCOUTO, L. **Assédio de Rua e o Controle Diário das Mulheres no Espaço Público**, 2016. Disponível em: < <http://nodeoito.com/assedio-e-poder/>>. Acesso em: 31 mar.2017.

VINHAL, Gabriela. **77% das mulheres já sofreram algum tipo de assédio sexual, aponta pesquisa**, 2015. Disponível em:< http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/06/02/internas_polbraeco,485270/pesquisa-revela-que-77-das-mulheres-foram-assediadas-sexualmente.shtml>. Acesso em: 01 ago.2017.

UNILAB. Unilab em números, 2016. Disponível em:< <http://www.unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>>. Acesso em:5 dez.2017.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO SEMIABERTO.

Titulo: Assédio verbal e físico além das leis: uma análise da concepção destes conceitos por parte de discentes da Unilab em postagens no Facebook e em questionários.

Objetivo: Esse questionário tem por objetivo central conhecer a concepção das discentes sobre o que caracterizam como sendo ocorrência de assédio verbal e físico na instituição de ensino superior Unilab.

Sexo- _____

Idade- _____

Curso- _____

Origem – Brasileira () Internacional ()

1- De acordo com a lei brasileira, nº 10,224 de 2001, Art. 216: “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência”, caracteriza o crime de assédio sexual nas relações de trabalho. Porém, você considera que o assédio pode ser cometido além do ambiente e das relações de trabalho?

() Sim () Não

2- Você concorda com a aplicação da lei somente no ambiente de trabalho?

() Sim () Não

3- O que caracterizaria assédio verbal e físico em sua concepção?

() Cantadas/ Contato indesejado

() Palavras com conotações sexuais constrangedoras/ Contato físico agressivo e indesejado

() Importunação ofensiva e continuadora.

4- Você acha que ocorre violência de gênero e assédio dentro da Unilab?

() Sim () Não

5- Você considera que o assédio (considerando aqui, desde a simples cantada até o contato físico agressivo com o intuito sexual), pode ser cometido entre discentes?

Sim Não

6- Você já recebeu ou presenciou cantada com conotações sexuais quando estava em algum ambiente da Unilab?

Sim Não

7- Qual era o sexo do possível assediador (a)?

Masculino Feminino Ambos os sexos

8- Gosta de receber cantadas com conotações sexuais?

Sim Não Nunca recebi

9- Que tipo de cantadas você já escutou neste ambiente acadêmico? (pode marcar mais de uma opção)

Gostosa Delícia Que corpo é esse!

Fiu fiu Pegava toda Outras

10- Quem cometeu essa(s) cantada (s)?

Docente Discente Outros

11- Já tentaram contato físico de natureza sexual sem seu consentimento?

Sim Não

12- Se sim, pegaram em alguma parte de seu corpo?

Sim Não Nunca tentaram contato desse tipo.

13- Você reagiu ao assédio sofrido?

Sim Não Não sofri assédio

14- Se não, por quê?

Por medo

Por considerar algo natural/ normal

Por constrangimento

Outro

15- Se sim, por quê?

por considerar desrespeito

por considerar uma violência ao seu corpo e liberdade sexual

por considerar um desrespeito a moral e bons costumes

Outro

16- Se possível, descreva um episódio de assédio verbal ou físico, que ocorreu nesta instituição e que ficou marcado na memória?

17- Quais os fatores que você considera que faz com que uma pessoa assedie outra, mesmo diante da repulsa nítida da conduta do assediador (a) pela vítima?